

# Casa dos Açores de Minas Gerais organiza encontro empresarial e missão aos Açores

A recém-criada Casa dos Açores de Minas Gerais está a preparar o Primeiro Encontro Empresarial Minas Gerais-Açores e liderará, em abril, uma missão empresarial ao arquipélago português, segundo noticiou o portal e-Global.

Fundada recentemente, a instituição — que é a 19.ª Casa do Mundo Açoriano — começa a desenvolver uma sequência de ações que visam estreitar laços institucionais e económicos entre Minas Gerais e os Açores.

De acordo com o presidente da Casa, Claudio Motta, a entidade foi formada há pouco tempo, mas já está em

plena atividade. O dirigente recordou que participou no Congresso Mundial Açoriano, realizado em Fall River, nos Estados Unidos, onde teve início o projeto do encontro empresarial.

Motta explicou que o plano foi estruturado em duas etapas complementares, focadas em gerar oportunidades de negócios e fortalecer as relações entre os dois territórios. “O objetivo central é levar a Portugal, especialmente aos Açores, empresários do setor de leite, queijos e derivados, além de outros interessados em conhecer o arquipélago e as possibilidades do seu mercado”, declarou.

A primeira etapa do evento decorre entre 28 de fevereiro e 1 de março, na cidade mineira de Andrelândia, cuja fundação remonta ao açoriano André da Silveira. O encontro contará com empresários locais, além da presença de autoridades e representantes de entidades empresariais.

Posteriormente, entre 20 e 24 de abril, a Casa dos Açores de Minas Gerais conduzirá uma missão empresarial aos Açores, com foco em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel. A visita prevê encontros com o presidente do Governo Regional dos Açores, o diretor regional das Comunidades, além de

secretários regionais e empresários locais. Motta destacou que a comitiva participará de “cinco dias intensos de reuniões institucionais, encontros empresariais e networking”, com o objetivo de abrir novas oportunidades de negócio e avaliar possibilidades de constituição de empresas em Portugal. Estão ainda previstas reuniões com o setor imobiliário, visando a apresentação de oportunidades de investimento em regiões de bom custo-benefício.

O programa de viagem, que decorrerá de 18 a 28 de abril, encontra-se atualmente em fase final de organização.

# Investimentos de 800 milhões em Lisboa mantêm Açores no centro da estratégia da Vinci

Os 800 milhões de euros que a Vinci está a investir no aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, foram apresentados como a chave para aumentar a capacidade da infraestrutura da capital. Mas, nas declarações do presidente da Vinci Airports, fica também uma mensagem clara para as regiões periféricas: o grupo francês garante que quer manter e reforçar a estratégia de voos diretos para destinos como os Açores.

Numa entrevista ao Jornal de Negócios em que detalha o plano de expansão de Lisboa — com uma segunda fase de obras prevista entre 2027 e 2030, destinada a aumentar o número de movimentos horários —, o responsável sublinha que a “missão presente” da concessionária é otimizar o aeroporto da capital, mas sem concentrar aí todo o tráfego.

“A missão presente é otimizar o aeroporto para acolher os passageiros, sem nunca deixar de ter voos diretos no Porto, Faro, Madeira ou Açores. É uma opção da ANA incentivar as companhias aéreas a irem diretamente para aí, ou mesmo para Cabo Verde, e não que todos os que querem voar para esses locais tenham de parar em Lisboa.”

Ao colocar os Açores no mesmo patamar de referência de destinos como Porto, Faro ou Madeira, a Vinci sinaliza a importância da ligação direta ao arquipélago na sua estratégia para a próxima

década.

A aposta em mais voos ponto a ponto — em vez de obrigar todas as ligações a passarem por Lisboa — é apresentada pela concessionária como uma solução para reduzir o congestionamento na capital, mas tem um impacto direto na acessibilidade aérea dos Açores: reforça a atratividade do destino junto de companhias que querem operar rotas diretas; pode contribuir para diminuir a pressão sobre as ligações via Lisboa, frequentemente criticadas por lotação e irregularidades; valoriza o papel dos aeroportos açorianos na rede nacional e atlântica da ANA/Vinci.

Na mesma entrevista, o presidente da Vinci explica que quanto maior for a oferta de voos diretos para destinos como Açores ou Madeira, menor será o número de aeronaves a sobrevoar Lisboa e menor o congestionamento no Humberto Delgado.

“Quanto mais voos diretos oferecermos, menos voos haverão sobre Lisboa e menos congestionamento deste aeroporto.”

Esta lógica coloca os Açores como parte da solução para o problema estrutural da capacidade aeroportuária da capital: ao desviar tráfego de ligação para rotas diretas, os aeroportos açorianos ganham peso estratégico na rede.

O responsável da Vinci sublinha ain-



da que o esforço de investimento em Lisboa — estimado em 800 milhões de euros, para ganhar apenas mais quatro movimentos por hora durante cerca de dez anos — está a ser feito em paralelo com a preparação do novo aeroporto Luís de Camões e com a política de incentivar ligações diretas a outros destinos nacionais e atlânticos.

Para os Açores, esta orientação significa que, num cenário de forte pressão sobre a capacidade de Lisboa, a ANA/

Vinci assume publicamente que não quer recentralizar o tráfego na capital, mas antes promover rotas diretas para o arquipélago, conclui.

Resta agora perceber de que forma esta estratégia se traduzirá em novos voos, operadores e ligações ao exterior, e qual será o papel do Governo Regional dos Açores e das companhias que operam no arquipélago na concretização desta opção estratégica anunciada pela concessionária dos aeroportos nacionais.

# Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas inaugura exposição permanente sobre a memória do edifício

A exposição “O que permanece: memória do edifício” propõe um percurso que cruza a memória histórica do edifício com o presente dinâmico do Centro de Artes, projetando, simultaneamente, possibilidades para o futuro. O trajeto expositivo integra objetos históricos, vídeos, fotografias, documentos, a ma-

quete do edifício, bem como uma obra da Coleção do Arquipélago - CAC, do artista Miguel Leal.

Assumindo-se como um projeto vivo e em permanente construção, a exposição inclui ainda uma componente interativa, convidando o público a participar ativamente através da partilha de teste-

mos, documentos ou outros objetos, contribuindo para a contínua recolha e preservação de memórias associadas ao edifício. Mais do que uma narrativa fechada sobre o passado, esta exposição afirma-se como um espaço de encontro entre histórias individuais e memória coletiva.

A exposição pode ser visitada na Loja do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, a partir de dia 7 de fevereiro, reforçando o compromisso do Centro com a valorização do património, a participação do público e a construção de uma memória partilhada. Entrada Livre.